

A tessitura da subjetividade em crônicas de Clarice Lispector

Lucia Osana Zolin¹ (UEM)
Alessandra Pajolla² (UEM)

Resumo:

Quando Clarice Lispector assumiu o posto de cronista do Jornal do Brasil – entre 1967 e 1973 – explorou ao extremo a possibilidade de levar o “eu” para dentro do jornal. Em vez de seguir a cartilha de boa parte dos escritores que se destacavam nesse gênero literário, ela não forjou distanciamento por meio da ironia ou do humor. Preferiu fazer da subjetividade a marca de suas crônicas, cuja tessitura aponta para uma escrita com características próprias, desvinculadas do discurso tradicional masculino, sustentado sobre os alicerces da ideologia patriarcal. Tomando como corpus algumas das crônicas da escritora, publicadas no período referido, este trabalho pretende analisá-las de modo a salientar que configuraram, ao mesmo tempo, uma expressão literária singular e um olhar crítico sobre a objetificação da mulher, ecoando as discussões empreendidas pelo pensamento feminista e as relações de dominação masculina analisadas por Pierre Bourdieu (1998).

Palavras-chave: Clarice Lispector, crônica, autoria feminina, dominação masculina, Pierre Bourdieu.

Introdução

A angústia, tema recorrente na obra de Clarice Lispector, é existencial. Mas, quando se aplica às mulheres passa pela tarefa árdua de libertação dos construtos sociais, dos *habitus* fundados no patriarcalismo descritos por Bourdieu (1998), para só então desvendar-se a possibilidade de um ser, pleno. Essa busca, que move as personagens de contos e romances, ressurgue nas crônicas em tom mais reflexivo, por vezes confessional, inscrevendo uma nova página da autoria feminina na imprensa.

As crônicas que Clarice Lispector escreveu para o Jornal do Brasil, entre 1967 e 1973, posteriormente reunidas no livro *A Descoberta do Mundo* (1999), espelham os conflitos vividos pelas mulheres naqueles conturbados anos. Silenciadas duplamente – por serem brasileiras em um regime político ditatorial e por serem mulheres no seio de sociedade patriarcal – elas começavam a ter consciência dessa opressão. Algumas esboçavam resistência, muitas cediam à dominação, numa submissão aparentemente voluntária. Em comum, essas mulheres sofriam com os dilemas decorrentes de suas escolhas, muitas vezes obscuras para elas próprias.

Ao fundir literatura e realidade, a escritora nos revela o seu estranhamento, um olhar crítico para o jogo simbólico de dominação, que impõe às mulheres limites socialmente construídos, distanciando-as da busca por uma identidade própria, que as permitiria transpor a margem.

Tendo em vista as idéias expressas por Bourdieu (1988) em *A Dominação Masculina*, é possível perceber nessas crônicas o impacto da divisão hierarquizada entre gêneros por meio das personagens – mulheres reais, ficcionalizadas pelo olhar aguçado e crítico de Clarice Lispector. Extraídas do cotidiano da própria escritora – amigas, leitoras e empregadas domésticas – elas serviram de inspiração para o farto material publicado no Jornal do Brasil. Não eram páginas femininas, segundo o ideal masculino de feminilidade. Tampouco reproduziam um discurso feminista, no seu aspecto panfletário.

Como em um jogo de espelhos, vendo-se umas nas outras, as personagens não estavam em busca de uma essência feminina em oposição à masculina. Ansiavam por romper os próprios

preconceitos, as próprias amarras, a própria passividade. Estavam divididas entre a tendência de permanecer na zona de conforto e o desejo de arriscar uma nova vida, escrita com as tintas de uma subjetividade latente.

Este trabalho pretende analisar em que medida o estágio de consciência das relações opressivas de dominação é precedido por uma reação ou acaba diluindo-se em um sistema simbólico, que suplanta a vontade e a liberdade individual feminina. Tomemos, para esse fim, as reflexões de Bourdieu:

Não se pode, portanto, pensar esta forma particular de dominação senão ultrapassando a alternativa da pressão (pelas forças) e do consentimento (às razões), da coerção mecânica e da submissão voluntária, livre, deliberada, ou até mesmo calculada. O efeito de dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* que fundamentam, aquém das decisões de consciência e dos controles de vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma (1998. p. 50).

Em que medida essa relação de dominação ocorre com o consentimento das próprias mulheres? Por qual motivo o estágio de consciência sobre o jogo simbólico em torno do poder masculino não leva as personagens a uma reação? Como os binarismos decorrentes da divisão masculino/feminino perpetuam-se no imaginário feminino, norteados o comportamento e a escolhas dessas mulheres? Em suas crônicas, em tom reflexivo, Clarice Lispector lançou luz sobre essas inquietações por meio de fragmentos do cotidiano. Uma voz dissonante no reduto masculino de cronistas, ecoando fortemente em suas leitoras. É o que, a seguir, procuramos demonstrar, tendo em vista as crônicas *A Favor do medo, Tanto esforço e Encarnação Involuntária*:

1 A favor do medo

A ancestralidade de que nos fala Bourdieu (1998), em alusão à transformação de história em natureza ao longo dos anos, está incorporada na personagem principal da crônica *A favor do medo*. Ela se refere com ironia ao Homem (grafado com letra maiúscula): “E nem tenha dúvida de que - na simplória divisão a que os séculos me obrigaram entre o bem e o mal – sei que ele era o Homem Bom Caverna Direita Só Cinco Mulheres Não Bate Nenhuma Todas Contentes” (LISPECTOR, 1999, p. 43).

A narradora (em primeira pessoa em tom confessional) ensaia uma resistência para marcar a sua subjetividade, mas não consegue manter-se segura nesta posição. Após dizer um “não” ao convite feito pelo Homem, ela revela ao leitor o desconforto com a recusa. É como se houvesse uma força invisível que a ordenasse estar sempre disponível. Apesar de “balbuciar” a negativa, ela observa que o “não” ecoou “escandalosamente contra as paredes das cavernas que sempre favoreceram mais às vontades do Homem” (LISPECTOR, 1999. p. 43).

A idéia de um não balbuciado remete à associação entre feminilidade e a arte de se fazer pequena (BOURDIEU, 1998, p.38)), que modulou o comportamento das mulheres em um tom sempre abaixo dos homens. Essa invisibilidade construída não escapa à percepção de Clarice, como evidencia essa crônica, publicada 30 anos antes de *A dominação masculina*:

Mas no caso deste medo particular, pergunto-me de novo o que me terá acontecido na idade da pedra? Algo natural não foi, ou eu não teria conservado até hoje esse **olhar de lado**, e não teria me tornado **delicadamente invisível**, assumindo sonsa a cor das **sombras** e dos verdes, andando sempre do lado de dentro das calçadas, e com falso ar seco. Algo natural não terá sido, posto que sendo eu por força e sem escolha uma natural, o natural não teria me assustado”. (LISPECTOR, 1999. p. 45, grifo nosso.)

As palavras grifadas nesse trecho exemplificam a inscrição no corpo feminino de uma significação simbólica, decorrente dos binarismos masculino/feminino, forte/fraco, duro/mole, seco/úmido, entre outros. Ela é fruto de uma divisão social entre os gêneros, que foi construída a partir da diferença biológica e reforçada em todas as instituições sociais. Do homem, cobram-se atitudes e comportamentos viris. Nas mulheres, os gestos devem simbolizar o fechamento do corpo, a submissão: falar baixo, pisar manso, não olhar de frente. Daí a percepção de Clarice Lispector de que o “olhar de lado”, a postura “delicadamente invisível” e o andar “sempre do lado de dentro das calçadas” não são escolhas naturais. Mas, sim, construções históricas, diferenças socialmente perpetuadas para legitimar o poder masculino.

Sobre a diferenciação hierarquizada entre os gêneros, Bourdieu (1998) ressalta que o princípio de inferioridade e exclusão da mulher é ratificado por um sistema mítico-ritual que rege a divisão do mundo. Trata-se de uma dissemetria fundamental, a do sujeito/objeto, agente/instrumento que está presente em todas as relações de produção e de reprodução do capital simbólico, com a função de perpetuar o poder dos homens. A narradora reconhece essa divisão ancestral: “Séculos adestraram-me, e hoje sou uma fina entre a finas, mesmo no caso, sem necessitar, por via das dúvidas debaixo das folhas hei de morar” (LISPECTOR, 1999, p. 43). Ou seja, em razão desse adestramento secular, ela se sente mais segura nas sombras (embaixo das folhas), apesar de reconhecer que tal escolha não se faz necessária.

2 Tanto esforço

Nesta crônica, como em um espelho capaz de mostrar a dicotomia entre a realidade e uma vida imaginária, duas amigas confrontam suas escolhas. A dona de casa esforça-se para receber com perfeição a visita de uma antiga colega, convencendo-a (e a si própria) de que é feliz. A visitante, por outro lado, tenta incorporar a idéia corrente de beleza e felicidade femininas, mas acaba deixando transparecer todo o processo conflituoso em que está mergulhada.

Foi uma visita. A antiga colega veio de São Paulo e visitou-a. Recebeu-a com sanduíches e chá, aperfeiçoando como pôde a visita, a tarde e o encontro. A amiga chegou linda e feminina. Com o correr das horas, começou pouco a pouco a se desfazer, até que apareceu uma cara nem tão moça nem tão alegre, mais intensa, de amargura mais viva. Raspou-se em breve a sua beleza menor e mais fácil. E em breve a dona de casa tinha diante de si uma mulher que, se era menos bonita, era mais bela, e discursava como antigamente o seu ardente pensamento, confundindo-se, usando lugares-comuns, tentando provar-lhe a necessidade de se caminhar para frente, provando que “cada um tinha uma missão a cumprir”(LISPECTOR, 1999, p. 26).

Nota-se que a amiga “chega linda e feminina”, uma convenção que convém às mulheres, segundo o modelo patriarcal. Aos poucos, no entanto, a máscara se desfaz e dá lugar à verdadeira face dessa personagem: uma mulher angustiada, dividida entre seguir o seu “ardente pensamento” ou retomar ao estado que lhe confere um padrão socialmente aceito como belo. A medida em que ela verbaliza para a amiga os seus reais desejos, a personagem não consegue sustentar a feminilidade estereotipada: “Quando a visita saiu, estava com o andar feio, parecia tomada por aquele cansaço que vem de decisões prematuras demais em relação ao tempo da ação: tudo o que ela decidira, demoraria anos até poder alcançar. Ou até nunca alcançar” (LISPECTOR, 1999, p. 26).

Nas entrelinhas percebe-se o impacto da escolha das personagens em suas vidas e a distância entre a vontade e os discursos incorporados, tanto no passado como no presente. A dona de casa “que fora uma das mais inteligentes do grupo” (conforme descrição feita pela narradora) perturba-se

ao ouvir a amiga dizer que cada um tem uma “missão” a cumprir. Nota-se que a palavra é utilizada ambigualmente pela autora. Seria uma tentativa de subverter o *script* feminino? Ou o contrário: a “missão” teria a conotação do destino de mulher, segundo a divisão culturalmente construída entre os gêneros?

A crônica também remete ao descompasso cronológico, à certeza de que a desconstrução desse imaginário patriarcal levará anos, ou talvez jamais seja atingida. E termina por mostrar o olhar estereotipado da dona de casa para amiga, um estranhamento de quem tem o olhar adestrado, treinado para reconhecer como belo o padrão de mulher enraizado na sociedade: “A dona de casa desceu do elevador com a visita, levou-a até a rua. Estranhou vê-la de costas: o reverso da medalha eram cabelos desfeitos e infantis, ombros exagerados pela roupa mal cortada, vestido curto, pernas grossas” (LISPECTOR, 1999, p. 26).

Bourdieu (1998) observa que a moral feminina se impõe pela disciplina relativa a todas as partes do corpo, por meio de um processo de coação que inclui as roupas e os penteados. A maneira como a personagem enxerga a amiga – roupa mal cortada, cabelos desfeitos e infantis – ilustra essa coerção que também se faz presente no discurso do dominado. A partir do nascimento, uma ampla simbologia se encarrega de ensinar às mulheres o comportamento feminino: saias, cabelos arrumados, pernas cruzadas entre outras características associadas à feminilidade.

Vendo por outro ângulo, no entanto, a narradora observa a personagem não como uma mulher de roupas mal cortadas, mas maravilhosa e solitária: “Lutando sobretudo contra o próprio preconceito que a aconselhava a ser menos do que era, que a mandava dobrar-se” (LISPECTOR, 1999, p. 26). Neste trecho, Clarice Lispector contrasta uma atitude submissa – expressa pelo ato de dobrar-se – com uma postura de sujeito, de uma mulher que luta para vencer os preconceitos (a começar pelos próprios). A personagem tem consciência de que terá um caminho difícil e solitário pela frente, mas é justamente essa percepção que a torna uma mulher “maravilhosa” aos olhos da narradora. Seria um recado de Clarice às leitoras?

3 Encarnação Involuntária

A bordo do avião, uma missionária chama atenção da narradora. Trava-se, a partir dessa visão, um embate interior: de um lado, a tendência a incorporar a abnegação desta “santa leiga” e, de outro, a vontade de ser libertar-se dos estereótipos femininos: “No avião percebo que já comecei a pisar com esse andar de santa leiga; então compreendo como a missionária é paciente, como se apaga com esse passo que mal quer tocar no chão, como se pisar mais forte fosse prejudicar os outros” (LISPECTOR, 1999, p. 296).

O sugestivo título escolhido pela autora aponta para a reflexão acerca dos papéis que as mulheres encarnam involuntariamente pela vida. O pisar manso da missionária sugere uma vida discreta e apagada, em oposição à autonomia e à liberdade de um andar firme e decidido. Mais adiante, a narradora revela o paradoxo entre incorporar essa postura abnegada ou rejeitá-la.

Quando eu pisar em terra, provavelmente já terei esse ar de-sofrimento-superado-pela-paz-de-se-ter-uma-missão. E no meu rosto estará impressa doçura da esperança moral. Porque sobretudo porque me tornei toda moral. No entanto, quando entrei no avião estava tão sadiamente tão amoral. Estava, não, estou! Grito-me em revolta contra os preconceitos da missionária. Inútil: toda minha força está sendo usada para eu conseguir ser frágil (LISPECTOR, 1999, p. 296).

A palavra moral tem a conotação de um padrão aceito socialmente; já a expressão “sadiamente amoral” aponta para a subjetividade – é a resistência à submissão imposta às mulheres pela sociedade patriarcal. Não por acaso a escritora escolhe uma missionária: trata-se de uma atividade que simboliza doação, vida a favor do outro, exatamente o que se espera das mulheres.

Ainda na mesma crônica, Clarice Lispector faz um contraponto com outro estereótipo feminino, a mulher sedutora, a prostituta que hipnotiza os homens:

Uma vez, também em viagem, encontrei uma prostituta perfumadíssima que fumava entrefechando os olhos e estes ao mesmo tempo olhavam fixamente para um homem que já estava sendo hipnotizado. Passei imediatamente, para melhor compreender, a fumar de olhos entrefechados para o único homem ao alcance da minha visão intencionada. Mas o homem gordo que eu olhara para experimentar e ter alma de prostituta, o gordo estava mergulhado no New York Times. E meu perfume era discreto demais. Falhou tudo”(LISPECTOR, 1999, p. 296).

Nota-se que a narradora consegue incorporar com mais facilidade o estereótipo de santa, mas diante da prostituta a sua descrição - fruto do condicionamento para não chamar a atenção – é um obstáculo. Este trecho, no entanto, pode sugerir outra reflexão. Seria a mulher “perfumadíssima” realmente uma prostituta ou a percepção da narradora reproduziria o mito bíblico de sedução e pecado?

Tanto a mulher representada pela missionária quanto a caracterizada como prostituta mantêm nos corpos os sinais de subordinação ao ponto de vista masculino. Uma pisa devagar, tentando manter-se invisível. A outra manifesta uma disponibilidade simbólica por meio de seu poder de atração e sedução (BOURDIEU, 1998, p. 40).

É interessante observar a percepção da personagem sobre estes papéis femininos, representada por meio da luta que ela trava para deixar de encarná-los involuntariamente, como evidencia o título da crônica. O interesse de Clarice Lispector é pelo ser, liberto da divisão arbitrária entre os gêneros: “Já sei que só daí a dias conseguirei recomeçar enfim integralmente a minha própria vida. Que, quem sabe talvez, nunca tenha sido própria, senão no momento de nascer, o resto tenha sido encarnações. Mas não: eu sou **uma pessoa**.”(LISPECTOR, 1999, p. 297, grifo nosso)

O desfecho escolhido por Clarice para esta crônica aponta para uma atitude de libertação. A narradora termina por recusar os dois estereótipos – o da santa e o da pecadora. A luta que ela empreende é para tornar-se simplesmente uma pessoa, livre dos padrões de comportamento patriarcais.

Conclusão

Precisa nas palavras, com um domínio único da arte de escrever, Clarice Lispector tinha o poder de resumir o sentimento das mulheres que tentavam ser livres para viver suas próprias escolhas: elas tinham de lutar contra um ordem internalizada para “dobrar-se”. É a imagem da postura ancestralmente inferiorizada, tão bem construída nas inúmeras metáforas presentes em toda sua obra: o pisar manso em contraste com determinação, a cegueira em oposição a lucidez, as rosas silvestres e com luz própria em contraste à perfeição apagada – são mulheres lutando para não dobrar-se à tendência descrita por Bourdieu (1998) de fazer-se pequenas.

Quando aceitou escrever as crônicas para o Jornal do Brasil, a escritora não estava disposta a seguir o padrão relegado às páginas femininas, com foco em leitoras interessadas unicamente no universo doméstico. Ela transformou a crônica em um instrumento de reflexão sobre os desdobramentos do binarismo masculino/feminino em sujeito/objeto, forte/fraco e em tantos outros que perpetuam a dominação masculina. Sobre essa atividade, Clarice esboçou teceu o seguinte comentário:

Uma vez me ofereceram fazer uma crônica de comentários sobre acontecimentos, só que essa crônica seria feita para mulheres e a estas dirigida. Terminou dando em nada a proposta, felizmente. Digo felizmente porque desconfio de que a coluna ia descambar para assuntos estritamente femininos, na extensão em que *feminino* é

geralmente tomado pelos homens e mesmo pelas próprias humildes mulheres: como se a mulher fizesse parte de uma comunidade fechada, à parte, e de certo modo segregada. (LISPECTOR, 1999, p. 108)

As personagens retratadas nas crônicas reproduzem os conflitos decorrentes da aprendizagem de um padrão feminino, que começa a se tornar incômodo a partir da consciência desse cerceamento naturalizado através dos tempos. Essa aprendizagem é ainda mais eficaz por se manter, no essencial, tácita: a moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo e, que se faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes ou aos penteados. (BOURDIEU, 1998. P. 38)

Bourdieu reconhece como ilusória a crença de que a violência simbólica pode ser vencida apenas com as armas da consciência e da vontade. Isso explicaria porque muitas personagens de Clarice, mesmo percebendo a divisão do mundo em torno do poder masculino, não conseguem reagir. E, quando o fazem, não se sentem confortáveis e frequentemente são acometidas por sentimentos de culpa. Na crônica *A favor do medo*, a personagem diz “não” ao Homem, mas fica incomodada ao exercer o direito da recusa.

Outro ponto nevrálgico tocado por Bourdieu (1998) é o consentimento que o dominado dá ao dominador. Apesar de reconhecê-lo, o autor critica a atribuição da responsabilidade dessa opressão às próprias mulheres, desconstruindo a idéia de que elas escolheriam voluntariamente a submissão. Uma visão presente em diversas falácias correntes na sociedade, do tipo: “as mulheres são suas piores inimigas”. Segundo Bourdieu, a tendência à submissão é resultado de estruturas objetivas, da eficácia dos mecanismos inscritos duradouramente no corpo dos dominados, que os tornam sensíveis a certas manifestações simbólicas de poder.

O autor critica o viés intelectualista do marxismo, que leva à crença de que a liberação das mulheres seria uma consequência imediata da tomada de consciência, ignorando a “opacidade” e a “inércia” que resultam da inscrição das estruturas sociais do corpo (BOURDIEU, 1998. P. 53). Aos olhos da dona de casa da crônica *Tanto esforço* a amiga deixa de ser linda e feminina, na medida em que questiona o seu destino.

Por fim, a objetificação da mulher, resultado da divisão hierarquizada entre masculino e feminino, perfaz o campo simbólico que ambienta as crônicas estudadas neste trabalho: em primeiro lugar, uma mulher que, apesar de reconhecer o poder ancestral do homem sente culpa ao dizer não a essa dominação; em segundo, duas amigas em conflito com as próprias escolhas e, por último o paradoxo santa/pecadora, que traduz os preconceitos reproduzidos tanto pelos dominadores quanto pelos próprios dominados.

As crônicas de Clarice Lispector constituem-se um campo fértil para a compreensão da dominação masculina estudada por Bourdieu. Elas retratam a visão de uma escritora que representa um marco na literatura de autoria feminina no Brasil. É o olhar de Clarice sobre o cotidiano opressor, por meio de uma tessitura que recusa o caminho fácil de um receituário ou de uma cartilha dirigida às mulheres. Ler as suas crônicas é mergulhar nas contradições humanas, em uma busca existencial que jamais chega ao fim. Para as mulheres é como entrar em uma sala de espelhos, desnudando a subjetividade feminina por meio de ângulos até então desconhecidos .

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Autor(es)

¹ **Lucia Osana ZOLIN, Profa. Dra.**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Departamento de Letras

E-mail: luciazolin@yahoo.com.br

² **Alessandra PAJOLLA, Mestranda**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Programa de Pós-graduação em Letras

E-mail: alepajolla@hotmail.com ou alepajolla@uol.com.br